

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE
EDIÇÃO 2012

Fabricio de Mendonça Cunha

**REC: a utilização da gravação como
ferramenta nas aulas de música**

Porto Alegre

2013

Fabricio de Mendonça Cunha

**REC: a utilização da gravação como
ferramenta nas aulas de música**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização em Pedagogia da Arte da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Prass

Porto Alegre

2013

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Luciana Prass, por acreditar nesse trabalho, incentivá-lo e me dar novo fôlego a cada orientação.

Aos colegas do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte que permitiram conhecer mais sobre os outros campos das Artes e perceber que todos temos dificuldades e novos caminhos para trilhar seja em música, dança, artes visuais, teatro, cinema.

À professora Ana Francisca Schneider por acreditar no uso das tecnologias em sala de aula e por abrir as portas à minha pesquisa.

Aos meus alunos, por fazerem parte desta construção.

À minha dinda e à minha mãe, por todo o amor depositado em mim.

*“Não poderia a música ser pensada
como um objeto que simultaneamente libertasse a energia criativa e
exercitasse a mente na percepção e análise de suas próprias criações?”*

Murray Schaffer

RESUMO

A utilização das tecnologias vem sendo cada vez mais frequente nas cenas do cotidiano. É comum vermos um grande número de pessoas que utilizam aparatos tecnológicos como *smartphones*, *notebooks*, *mp3 players*, *tablets*. Além disso, as redes sociais tornaram o acesso à informação instantâneo. É possível perceber que essas mudanças afetam todos os espaços, até mesmo os mais tradicionais, como a escola. Diante disso nós, educadores musicais podemos repensar as práticas de ensino, desenvolvendo o uso dessas tecnologias no espaço escolar. Assim, esta pesquisa teve como objetivo investigar de que forma a utilização de processos de gravação em sala de aula pode contribuir para as práticas de ensino-aprendizagem na educação musical. Para isso, realizei o trabalho de campo baseado em observações de aulas de música em duas diferentes instituições de ensino: o Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS, situado no Campus do Vale, em Porto Alegre, RS, e a EMEF Alice de Carvalho, no bairro Salomé, em Alvorada, RS. Como alguns dos resultados apontados, surgiram nos trabalhos aspectos do cotidiano dos alunos, como preferências de gênero musical, por exemplo, bem como, posturas diferenciadas, envolvendo motivação e interesse dos estudantes em relação a atividades envolvendo tecnologias, nesses ambientes escolares.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO:	7
CAPÍTULO 1. BREVE HISTÓRIA DA GRAVAÇÃO:	12
CAPÍTULO 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE PESQUISA	15
2.1. COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS (CAP):	15
2.2. ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ALICE DE CARVALHO:	16
CAPÍTULO 3 – PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL ATRELADAS AO USO DAS TECNOLOGIAS DE GRAVAÇÃO	20
3.1. OBSERVAÇÕES NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO:	20
<i>Diário de Campo, quinta-feira, 13 de setembro de 2012</i>	20
<i>Diário de Campo, terça-feira, 2 de Outubro de 2012</i>	24
3.2. “MEU IRMÃO VAI SE LIGAR É NESSA RIMA...”: AULA DE JINGLES NO MUNICÍPIO DE ALVORADA	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO:

Meu interesse por música surgiu ainda na infância. Lembro-me de gostar bastante de escutar música em família. Costumávamos viajar escutando música de diferentes gêneros e sempre as contextualizando. Isso foi despertando meu interesse para a música e abrindo portas, posteriormente, para o contato com as outras formas de se fazer arte. Ainda nessa época procurava imitar os sons dos instrumentos musicais vocalizando, principalmente, solos de guitarra.

Com cinco anos ganhei meu primeiro “instrumento”, um gravador portátil de fita, que de portátil não tinha nada: era bem grande se comparado ao meu tamanho na época. Com ele percebi, que os sons poderiam ser manipulados, gravados, regravados, e que era possível eternizar um discurso sonoro. Isso ainda não havia sido experimentado por mim que, até aquele momento, nunca havia parado para pensar a respeito de como as músicas eram gravadas e produzidas. Logo em seguida, percebi que a música estava por toda parte, não só nos discos. Mas também em programas de TV, filmes, seriados, propagandas.

Lembro-me que, a partir daquele ano, o gravador me acompanhou para cima e para baixo. Eu procurava gravar sons domésticos, sons da rua e, eventualmente as vozes das pessoas mais próximas, para logo em seguida compartilhar estas gravações: - *Espera, eu vou rebobinar a fita, vamos ouvir!* Com isso comecei a me interessar não apenas por instrumentos musicais, mas também por gravações e aparatos tecnológicos que pudessem contribuir para os trabalhos do músico e do educador.

A ideia de pesquisar que relações estão envolvidas no ato de gravar em sala de aula e quais as possíveis aplicações da gravação com alunos da educação musical surgiu de uma experiência minha como educador atuando em Escolas Municipais de Educação Infantil em Cachoeirinha. Durante uma aula, ainda na graduação, fiz uso de um gravador portátil digital para gravar os alunos falando seus nomes e percebi a surpresa da grande maioria ao se ouvir no momento seguinte. Parece algo bastante simples, mas gravar e ouvir a própria voz pode gerar uma série de estranhamentos, independentemente da faixa etária. Para aquelas crianças não foi diferente, elas davam risada, pediam para ouvir de novo, ficavam espantadas e tiveram uma série de reações diferentes a partir daquele contato com a gravação.

Dessa experiência surgiu meu interesse em pesquisar como nós, educadores musicais, podemos aplicar e utilizar o gravador de áudio em sala de aula, relacionando os conteúdos específicos da área e nossas práticas de ensino e aprendizagem musical com a aplicação direta da tecnologia na perspectiva de proporcionar novas experiências nas aulas de música.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar de que forma a utilização de processos de gravação em sala de aula pode contribuir para as práticas de ensino-aprendizagem na educação musical. As aulas de música, a meu ver, devem cada vez mais experimentar, buscando sintonia com as novas realidades, mundos virtuais, tecnológicos, e serem capazes de integrar as tecnologias, o ensino e os sujeitos. Dessa forma, podemos propiciar experiências diferentes integrando o uso do celular, novas mídias, computadores e internet, a processos educativos.

Coube então a esta monografia relatar dois casos estudados – aulas de música no Colégio de Aplicação da UFRGS, em Porto Alegre, e na EMEF Alice de Carvalho, de Alvorada -, relacionando os eventos, as utilizações, os pressupostos e de que forma a gravação pode contribuir para um ambiente mais dinâmico e ao mesmo tempo mais participativo em que o aluno tenha autoria e possa compartilhar de diferentes práticas e experiências no ensino de música em sala de aula.

Fato é que a utilização das tecnologias vem sendo cada vez mais frequente nas cenas do cotidiano. É comum vermos um grande número de pessoas que utilizam aparatos tecnológicos como *smartphones*, *notebooks*, *mp3 players*, *tablets*. Além disso, as redes sociais tornaram o acesso à informação instantâneo. É possível perceber que essas mudanças afetam todos os espaços até mesmo os mais tradicionais como a escola. Diante disso nós, educadores musicais, podemos repensar as práticas de ensino, desenvolvendo o uso dessas tecnologias no espaço escolar. Para Del Ben,

o desenvolvimento crescente de novas tecnologias vem alterando significativamente o cotidiano das pessoas nas sociedades industriais. Na atualidade, a utilização da eletrônica e da informática nos permite entre outras coisas assistir à transmissão instantânea de imagens de qualquer parte do mundo via satélite, usar cartões magnéticos em transações bancárias e comerciais e trocar mensagens simultâneas com as pessoas de diferentes países na internet (DEL BEN, 2000, p. 91).

Na área da educação musical os trabalhos envolvendo o uso de tecnologias vêm crescendo. Recentemente o Encontro Regional da Associação Brasileira de

Educação Musical (ABEM) – SUL, que aconteceu na Fundação Municipal de Artes de Montenegro (FUNDARTE), explorou o tema: “Ciência, Tecnologia e Inovação em Educação Musical. Sobretudo, estas pesquisas, em sua grande parte, apontam para o crescimento de cursos de licenciatura em música a distância (GOHN, 2010); a utilização de softwares livres e jogos eletrônicos aplicados à educação musical (FRITSCH, 2003); aulas de instrumento por videoconferência, entre outras possibilidades.

Apesar de alguns educadores musicais utilizarem a gravação em seus estudos e práticas de ensino-aprendizagem ainda assim, são poucas as pesquisas que abordam especificamente a utilização da gravação em sala de aula. Penso que essa área ainda carece de estudos. Um dos trabalhos importantes é “Compondo e gravando músicas com adolescentes: uma pesquisa-ação na escola pública” (LORENZI, 2007), que propiciou, através de oficinas de música, a gravação de um cd com jovens alunos.

Em seus relatos ainda dos anos 80, o educador musical Murray Schaffer já afirmava fazer uso do gravador: “Dispendemos cerca de uma hora experimentando com sons desse modo, tentando descobrir as possibilidades criativas do gravador” (SCHAFFER, 1991, p. 175). Schaffer traz também a experiência de ouvirmos a própria voz como uma maneira de nós conhecermos mais profundamente.

Você já ouviu a sua voz gravada e tocada de novo para você? Experimente. É surpreendente e educativo. Você pode sair fora de si mesmo e inspecionar criticamente sua impressão vocal. Aquele som gago e surpreendente sou realmente eu, você diz? A partir daí você fica um pouco mais consciente do caminho que toma ao falar (Ibidem, p. 175).

Dessa forma, acredito na importância de gravar com os alunos. Pensando nisso essa pesquisa foi realizada em duas diferentes instituições de ensino. Primeiramente foram observadas aulas no Colégio de Aplicação da UFRGS, situado no Campus do Vale, em Porto Alegre, RS, nas quais a professora Ana Francisca Schneider propôs atividades de criação de vinhetas abordando conteúdos próprios da educação musical, como as funções da música. As vinhetas compostas pelos alunos foram criadas através do programa *Audacity*, um *software* livre com várias ferramentas para gravar e manipular sons. Cabe destacar as diferentes formas utilizadas pelos grupos para criar e gravar suas composições.

O segundo momento da pesquisa acabou acontecendo de forma espontânea, pois não havia sido programado inicialmente, durante a formatação do projeto de pesquisa. Ao desenvolver uma atividade a partir da criação de *jingles* na EMEF Alice de Carvalho, em Alvorada, onde leciono, percebi que os alunos tinham facilidade em criar letras de músicas, melodias, mas que o grande problema era a hora das apresentá-las ao grande grupo, quando a vergonha e a timidez acabavam por tomar conta das turmas. Com o propósito de potencializar as músicas criadas por eles, fazer o registro e ajudá-los a enfrentar a timidez, utilizei então um gravador portátil. As apresentações dos *jingles* foram substituídas então pela apreciação de suas gravações.

Esse trabalho foi realizado com quatro turmas de sextos anos com perfis bem distintos. Apresentei a proposta de criação de *jingles* distribuindo embalagens de produtos simples como bolacha, chá, gelatina, cola, sabonete, chocolate, pipoca. Após a criação e os momentos de ensaio, realizamos as gravações. A gravação, nesse instante, passou a ser uma aliada, uma ferramenta que veio para contribuir e proporcionar uma experiência diferente, já que os alunos iriam gravar, ouvir suas próprias criações e compartilhar com os colegas. Para Loureiro,

levando-se em conta essa nova maneira de apreender e assimilar a realidade, uma reflexão sobre a atual prática da pedagogia musical pode ajudar a esclarecer o valor da educação musical dentro do contexto institucional. Pode, ainda, destacar a importância de estabelecermos uma relação pedagógica com crianças e jovens que propicie sua aproximação e o gosto pelo fazer musical. Precisamos considerar as experiências, necessidades e linguagens de cada um. Por outro lado, devemos estar aberto às novidades, sem contudo desprezar o que precisa ser preservado (LOUREIRO, 2010, p. 14).

A partir das observações no Colégio Aplicação, da experiência com a gravação dos *jingles*, da análise dos materiais produzidos e da repercussão que estes causaram em meio aos alunos, foi possível mapear algumas características nas quais esta ferramenta “gravação em sala de aula” pode auxiliar, complementar e acrescentar nas aulas de educação musical. Além disso, podemos verificar que outros elementos estão envolvidos no fazer musical destes alunos, nestas duas experiências.

Para aprofundar essa reflexão, com um maior número de elementos possíveis, foi realizado um estudo de caso que está situado dentro das modalidades das pesquisas qualitativas, que se diferem das quantitativas por serem menos

vinculadas a um método específico e com caráter de análise e detalhamento nos objetos de pesquisa. Para Goldenberg,

o estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística (GOLDENBERG, 1999, p. 34).

Dessa forma temos neste trabalho um primeiro capítulo destinado a contar uma breve história da gravação e como esta passou a se tornar parte do cotidiano da sociedade. No capítulo seguinte, de número dois, trago informações importantes relacionadas aos dois campos de pesquisa, o Colégio de Aplicação da UFRGS e a EMEF Alice de Carvalho, de Alvorada, traçando as principais características destas duas instituições de ensino, descrevendo cenários e personagens que contribuíram para os acontecimentos desta pesquisa.

No capítulo três, temos o relato das aulas em que fui observador no Colégio de Aplicação, como as dinâmicas funcionaram, o que foi realizado e a descrição do método de trabalho de três grupos desta turma que tive a oportunidade de observar mais a fundo. Em seguida, dialogo com esta experiência relatando a outra experiência que tive como educador, trabalhando com *jingles* e gravando as criações destes alunos. Este relato traz informações sobre a dinâmica das aulas, processos de criações dos alunos, e um breve perfil dos grupos. Os resultados, de alguns *jingles* são analisados a partir de suas letras, melodias e estéticas.

Por fim, nas considerações finais, faço apontamentos importantes para fatos que, a meu ver, merecem destaque nestas duas experiências, como o posicionamento dos alunos em relação a esse tipo de atividade, impressões do pesquisador e um breve diálogo com outros pesquisadores da área que tratam da importância da sintonia da educação musical com o cotidiano, um olhar apurado para a importância da utilização das novas mídias.

Apesar das experiências terem sido distintas entre si e realizadas com alunos diferentes, muitas semelhanças podem ser encontradas. Devemos estar atentos também para esse tipo de reflexão: práticas diferentes, em locais diversos e resultados, muitas vezes, semelhantes. Estariam os jovens nos mostrando um pouco mais dos seus anseios sobre a aula de música?

CAPÍTULO 1. BREVE HISTÓRIA DA GRAVAÇÃO

Para entendermos como a gravação e, posteriormente, a reprodução de registros de áudio modificou o mundo, temos que recordar que até a descoberta de que o som poderia ser registrado, basicamente, os sons só poderiam ser ouvidos ao vivo, no momento de sua execução e acontecimento. Por exemplo, muitos dos sons provenientes dos instrumentos e das músicas só poderiam ser apreciados em concertos em teatros ou catedrais, ou ainda, apresentados em praças e, eventualmente, nas ruas. Isso restringia enormemente o acesso à música.

Por outro lado, essa não banalização da música pela impossibilidade de gravar sons, fazia com que cada evento de apreciação fosse único, envolvendo todo seu contexto social e cultural. As músicas eram compostas sendo pensadas não só nas suas notas, harmonias, movimentos, dinâmicas, instrumentos, mas também estava inserido na sua composição, o fato de o compositor pensar e conhecer o lugar onde essa música seria executada. Embora a música popular sempre estivesse presente nos espaços públicos, esta também só podia ser presenciada ao vivo.

Quando a ideia de gravar surgiu, inicialmente, havia sido imaginada como uma forma de registrar sons falados. De tal modo que, o primeiro registro gravado foi executado pelo inventor do fonógrafo, Thomas Alva Edison, que para estreiar seu invento recitou um pequeno trecho do antigo poema americano “Mary Had a Little Lamb¹” em 1877.

Quando as pessoas começaram a imaginar a gravação do som, a música não era o mais importante. Num livro de 1649, o escritor Cyrano De Bergerac² teve uma visão de uma viagem à lua, e seus habitantes tinham livros que falavam. Para o capitão Bergerac, gravar conversas e não música era o objetivo impossível (GOODALL; SOMMER, 1999).

As primeiras gravações representaram um marco e uma mudança no relacionamento da sociedade que, com o passar do tempo começou a “ouvir” - repetidamente - os mesmos sons, em diferentes ocasiões. No entanto, esses registros ainda eram muito precários e não eram capazes de reproduzir, com

¹ “Maria tinha um cordeirinho, sua lã era branca como a neve. E onde Maria ia, o cordeirinho a seguia”. Trecho gravado por Thomas Alva Edison, retirado do poema de Sarah Josepha Hale (1830).

² Savinien de Cyrano de Bergerac, escritor e duelista francês do século XVII, ficou mundialmente conhecido pelas obras de ficção a seu respeito.

fidelidade e exatidão, as ondas sonoras.

Essas gravações iniciais eram feitas em cilindros metálicos que, com o tempo, acabaram por ser substituídos por cilindros de cerâmica, o que facilitava, posteriormente, que fossem concebidas cópias de um cilindro original. Isso possibilitou acima de tudo que as músicas que antes tinham espaço reservado para concertos e apresentações, pudessem ser apreciadas nas casas em meio às famílias. Schaffer indica ainda que processos posteriores ao início do desenvolvimento da gravação teriam proporcionado aos ouvintes, também, a chance de exercer controle sob os sons ouvidos, surgindo uma nova possibilidade: a de interferir no som ouvido,

Mesmo nos equipamentos domésticos mais simples há recursos para influenciar o som. Pelo manejo do botão controlador de volume, o som diminuto do clavicórdio pode ser aumentado a dimensões de uma orquestra inteira; ou uma orquestra pode ser reduzida a sussurros de grama. A maior parte dos bons aparelhos de alta fidelidade possui filtros para reduzir ou incrementar as frequências graves ou agudas. Desse modo, a seletividade é introduzida no ato da audição musical e os ouvintes estão aptos a influenciar e controlar coisas que, no passado, eram conformadas por leis naturais e estavam muito além de seu controle (SCHAFFER, 1991, p.174).

No entanto, nada se compara à facilidade e ao acesso de informações que nos é disponibilizada na atualidade. Desde as primeiras gravações no fonógrafo de Thomas Edison, passando pelos discos de 78 rotações, *long-plays*, *fitas cassete*, *walkman*, *discman*, mp3, até os dias de hoje, muita coisa mudou. Hoje, em minutos, somos capazes de acessar milhares de músicas, registros raros ou discografias completas de artistas e ouvi-las *online* no site *groveshark*, por exemplo, em vários formatos (mp3, wave, wav, entre outros).

Com o advento e a invenção do fonógrafo várias áreas de pesquisa cultural passaram a se desenvolver ainda mais. O fonógrafo de Thomas Edson virou equipamento de campo para antropólogos, etnomusicólogos e historiadores. Segundo Prass,

em Berlim, através do *Berlin Phonogramm-Archiv*, Carl Stumpf (1848 – 1936) e Erich Von Hornbostel (1877 – 1935) estudaram centenas de cilindros gravados por etnólogos alemães em territórios distantes. Eles próprios praticamente não foram a campo e em seus escritos

deram pouca importância à música enquanto manifestação cultural. Era este o paradigma da época (PRASS, 2007, s/p).

Outro fato importante, é que a educação musical também começou a se alimentar destes registros, estabelecendo ligações dessas gravações variadas, de diferentes culturas musicais do mundo. Até mesmo cantos folclóricos dos lugares mais remotos agora poderiam ser levados para os grandes centros urbanos para serem estudados com ênfase na educação musical. Prass lembra que

o compositor e educador musical Zoltan Kodály (1882 – 1967) usou o fonógrafo para gravar canções folclóricas na Hungria, România e Transilvânia, em sintonia com o momento de valorização dos nacionalismos no pós Primeira Guerra Mundial (PRASS, 2007, s/d).

O gravador proporcionou ao mundo o fenômeno da “esquizofonia” (Schaffer), que se refere ao “rompimento entre o som e origem”. Uma verdadeira mudança de comportamento no mundo dos sons, que se apresentavam de uma maneira diferente a partir do século XX. Até aquele momento o som estava sempre acompanhando do elemento que havia lhe dado vida: uma pessoa, um animal, um instrumento, o oceano, uma floresta. A partir daí o som não precisava mais estar acompanhado de sua fonte. A gravação permitiu o desligamento entre o som que ouvimos e a forma e origem em que foi produzida.

Com um simples olhar ao redor, podemos perceber que o som está por toda parte, seja nas transmissões de rádio, de televisão, o som gravado é parte fundamental dos filmes. Estes sons, quando manipulados, geram material para música eletrônica. E quase todos os sons que ouvimos, além dos motores dos carros, ônibus, chuveiros, interfones, chuva, molho de chaves - sons do dia-a-dia -, são gravados. Dessa forma, podemos perceber esse fenômeno e entendê-lo como um grande potencial para estudos e aprofundamentos no processo de ensino-aprendizagem musical. Assim, uma área ainda pouco explorada pode se tornar uma nova grande referência para nossos estudos.

CAPÍTULO 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE PESQUISA

2.1. Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp):

O Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp) está situado no Campus do Vale, no bairro Agronomia, em Porto Alegre. Logo na chegada pode notar um amplo pátio, quadras esportivas, portaria e diversas salas para usos específicos, como salas de música equipadas com instrumentos, salas de teatro, laboratórios de informática e de ciências.

Além disso, um ponto importante para se destacar é a inserção do colégio no Projeto Um Computador por Aluno – UCA, do Governo Federal, que disponibiliza computadores portáteis para cada estudante desde que sua utilização seja dentro do espaço educacional e para fins de pesquisa, elaboração de projetos, trabalhos e estudos. O CAp possui Ensino Fundamental e Ensino Médio e conta com um grande número de professores e estagiários estudantes da UFRGS.

O Colégio de Aplicação da UFRGS é uma das 300 (trezentos) escolas escolhidas pelo Governo Federal para participar do Projeto UCA (Um Computador por Aluno). Com o início das atividades do piloto do Projeto Uca, em 2010, nossa instituição toma para si a tarefa de, não apenas inovar na utilização pedagógica dos laptops, como também de contribuir para a divulgação de experiências significativas e para a formação inicial e continuada de professores (site do CAp)

Mas o CAp chama atenção realmente pela proposta diferenciada de ensino, aliando educação, projetos de pesquisa, ressaltando aspectos da autonomia dos alunos e fazendo com que seja possível um ensino qualificado com diferentes estruturas e componentes curriculares, provavelmente graças à sua filiação à UFRGS e, conseqüentemente, ao Governo Federal.

Para a realização desta pesquisa, observei quatro períodos de aula de educação musical coordenadas pela Professora Ana Francisca Schneider, doutoranda na área. Pude acompanhar as atividades com seus alunos ligando conteúdos específicos da área da educação musical com o uso da tecnologia. A turma observada participa do “Projeto Amora” dentro do Colégio de Aplicação, que tem como objetivo geral “constituir um campo de investigação pedagógica para a produção de conhecimentos e metodologias, por um processo de reestruturação

curricular no Ensino Fundamental que incorpore as Tecnologias da Informação e Comunicação” (site do CAp). Desde o primeiro contato com a professora durante um encontro de um seminário do Grupo de Pesquisa FAPROM³, voltado à pesquisa e uso de novas tecnologias, percebi uma educadora relacionada com os meios de comunicação, e que se importava com esta parte do cotidiano dos alunos.

A professora Ana me tratou muito bem, e se mostrou interessada e disposta a ajudar no que fosse preciso para a realização da minha pesquisa. Também me identifiquei pelo fato da professora ser jovem, dar aula para jovens alunos e se interessar por essa área de pesquisa, além de utilizá-la como campo para a sua formação continuada, pois a professora que já realizou o seu mestrado, agora é doutoranda na área.

Neste primeiro encontro tivemos um tempo limitado para conversar, pois a professora Ana, fazendo parte do FAPROM estava recebendo, juntos dos seus colegas, os convidados e palestrantes, na sua maioria estrangeiros, e auxiliando-os em suas apresentações. Desta forma, trocamos contatos de e-mail e telefone e acertamos que nos falaríamos na semana seguinte, para darmos segmento e agendarmos o início de meus trabalhos de observação.

2. 2. Escola Municipal de Ensino Fundamental Alice de Carvalho:

A Escola Municipal Alice de Carvalho está localizada na região metropolitana de Porto Alegre, no bairro Salomé, em Alvorada. Além de ser uma das poucas escolas no bairro, a EMEF Alice de Carvalho é também um ponto de encontro na comunidade. Ainda é baixo o número de pais que visitam a escola para acompanhar o rendimento dos seus filhos. E além do alto índice de violência no bairro, é grande a taxa de evasão escolar.

Nas dependências da escola, ao lado do portão de entrada está localizada a secretaria e a direção. Nesse mesmo corredor encontram-se duas salas de aula, o ambiente informatizado e o refeitório. Ao fundo encontra-se o restante das salas. Há duas escadas que levam para o piso superior e um pequeno pátio com uma quadra poliesportiva. Em frente ao pátio está a sala dos professores.

³ Grupo de Pesquisa sobre Formação e Atuação dos Profissionais em Música, fundado em 2006 e coordenado pela professora Liane Hentschke do PPGMUS/UFRGS.

Durante os períodos de aula, é comum vermos um grande número de alunos aglomerados em frente à escola ou circulando pelos corredores. Esse evento é mais intensificado no turno da manhã e visto com menor frequência no turno da tarde. Mesmo assim, a todo instante, os alunos pedem para ir ao banheiro, ou para beber água ou para ir na secretaria. As salas são pequenas para o grande número de alunos que no sexto ano chega perto de quarenta matriculados por turma.

A escola é muito festiva e realiza diversos eventos para os alunos. Só na segunda metade de 2012, por exemplo, foram realizados eventos em comemoração ao Dia das Crianças, Gincana de Halloween, Gincana de Matemática, Feira Literária, passeios ao zoológico municipal de Sapucaia do Sul, cinema, Festa de Natal, campeonato de futebol e um evento que mobilizou toda a escola que é o tradicional passeio de fim de ano ao Parque Aquático Itapema, com alunos e pais, totalizando cerca de 500 pessoas envolvidas.

Grande parte dos professores que atuam na EMEF Alice de Carvalho, trabalha também em outras escolas, no turno inverso. É pouco o número de professores que trabalham pela manhã e pela tarde nesta mesma escola. À noite funciona o SEJA (Seção de Educação de Jovens e Adultos), que dá aos estudantes a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental em um menor espaço de tempo.

A escola também é espaço para o projeto “Mais Educação” do Governo Federal. Este projeto, que iniciou nas Escolas Públicas Brasileiras em 2008, e foi ampliado para um número maior de escolas nos anos seguintes, aumentando a oferta de alunos participantes, tem como característica promover uma educação mais ampla pois oferece no turno inverso às aulas regulares do aluno a possibilidade dele participar de diferentes oficinas de ensino-aprendizagem e lazer. Para isso, as escolas recebem verbas do Governo Federal para compra de materiais e pagamento dos professores oficinairos. A escola também se encarrega de destacar um professor para acompanhar, planejar, direcionar e trabalhar diretamente em função do projeto. Este professor tem um papel importante à medida que pode colaborar com os demais colegas acompanhando o desempenho dos alunos participantes, não só no Mais Educação, mas também nas aulas regulares, incentivando-os para que participem das oficinas, das apresentações em eventos da escola, conversando com os pais quando necessário.

Na EMEF Alice de Carvalho os trabalhos com o Programa Mais Educação iniciaram em 2012, com oficinas de flauta doce, dança gaúcha, letramento, robótica

e capoeira. No entanto, a Escola também oferece outros projetos como reforço escolar, contação de histórias, que são desenvolvidos por professores da própria escola que não atendem uma turma específica ou têm grande número de horas vagas. Sobretudo, a grande maioria desses projetos internos acaba sendo realizados por professores do CAT (Currículo por Atividades – 1º ao 5º ano) e também são disponibilizados para alunos do CAT, fazendo com que faltem atividades diferenciadas para os alunos da Área (6º ano em diante, quando os alunos passam a ter as disciplinas organizadas por áreas e diferentes professores para cada uma delas).

É possível verificar numa mesma sala de aula de sexto ano, alunos de 11 até 15 anos estudando juntos. Devido ao alto índice de evasão e repetência, há alunos que já repetiram pela terceira vez a mesma série convivendo com alunos matriculados na idade aconselhável. O perfil de alunos é portanto, como em toda educação pública brasileira, bastante heterogêneo.

Meu ingresso na EMEF Alice de Carvalho deu-se por meio de concurso público realizado no município de Alvorada, no início de 2012. Assim, comecei a atuar como professor na escola em julho do mesmo ano, próximo de acabar o segundo trimestre. Em um primeiro momento, trabalhei apenas com o turno da manhã, com a disciplina de Arte e Educação. No entanto, como havia realizado concurso para Artes com especificação em Licenciatura em Música, quando ingressei no município e, conseqüentemente, na escola, deixei claro que gostaria de trabalhar com música, pois esta era minha formação e para esta vaga eu havia prestado concurso público. O que vinha sendo trabalhado com os alunos até então era Artes com foco apenas nas Artes Visuais.

Fui muito bem recebido pela direção da escola que me proporcionou em pouco tempo, autonomia para atuar com música. Tive também boa recepção por parte dos alunos que entenderam que o fato de ter um novo professor, com uma diferente formação, traria dinâmicas, propostas, desenvolvimentos e situações também diversas.

Assim foi até o início do mês de outubro quando fui convidado pela direção da escola para assinar uma convocação e assumir a vaga de professor de Artes também no turno da tarde. Diferente do turno da manhã que estava há algum tempo sem professor específico na área, à tarde a professora atuante havia se afastado por motivos pessoais. Desta forma, aceitei o desafio que me proporcionaria mais

turmas, conhecer mais profundamente o ambiente escolar, trabalhar com novos colegas professores e, a partir de então, permanecer na escola manhã e tarde.

Tratando-se de aulas de música em uma escola pública, inserida numa comunidade já descrita anteriormente, é comum que os alunos tenham uma infinidade de expectativas. Por isso, de uma forma dissertativa, pedi que os alunos, na primeira aula, se apresentassem e escrevessem o que gostariam de experienciar nas aulas de música na escola. As respostas foram diversas: desde aprender as notas, escalas, instrumentos específicos como violino, flauta transversal, como muitas outras coisas.

Devido à falta de instrumentos e de espaço físico adequado, deixei claro para os alunos que, em um primeiro momento, seria difícil que todos tocássemos violão, como gostaria uma grande parte do grupo. Dessa forma, busquei trabalhar nas primeiras aulas com elementos básicos do som (propriedades do som), sempre direcionando para contextos do cotidiano dos jovens (por exemplo, sons graves são comuns de serem ouvidos em carros com muitos altos falantes e isso a maioria deles conhecia).

No momento posterior, trabalhamos com os gêneros musicais tango, samba e blues, estes foram escolhidos, por mim, por acreditar que causariam um forte estranhamento entre os jovens. Durante as semanas em que trabalhamos com estes gêneros, alguns alunos reclamaram porque não estávamos trabalhando os gêneros que eles gostavam.

Depois tivemos a oportunidade de trabalhar com a criação dos jingles. Isso me deixou muito feliz porque pude receber uma boa dose de experiência e trocas vindas dos alunos, que a cada rima do rap ou do funk mostraram-se cheios de energia, disposição e bagagem cultural. Nessa perspectiva associando conteúdos específicos da área com a realidade social destes alunos podemos, como educadores, procurar fortalecer a relação de ensino. Souza explica que,

ao tematizar o cotidiano, a educação estará incluindo a formação da consciência crítica, os valores em seus objetivos, pois no cotidiano encontram-se escondidas estruturas de comportamento – provavelmente servindo aos interesses de outrem e modelando, dominando e direcionando a existência – que devem ser clarificadas. Só assim, então, o aluno poderá fazer escolhas autênticas e autônomas (FREITAS DE JESUS apud SOUZA, 2000, p. 166).

CAPÍTULO 3 – PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL ATRELADAS AO USO DAS TECNOLOGIAS DE GRAVAÇÃO

3.1. Observações no Colégio de Aplicação:

Diário de Campo, quinta-feira, 13 de setembro de 2012.

“Conforme combinado por e-mail com a professora Ana Francisca, eu iria fazer minha primeira observação nesse dia, conhecer o Colégio de Aplicação (Cap/UFRGS) e a turma que iria observar. Logo que cheguei, percebi uma escola diferente do que costumava observar. Identifiquei-me na portaria e notei que não havia alunos circulando nos pátios e nem nos corredores. A escola é composta de um grande prédio central com alguns outros prédios em anexo. A guarda ligou para uma sala onde a professora de música poderia estar e ninguém atendeu.

Uma funcionária me orientou a ir até o anexo da turma Alpha, mas por lá a guarda me disse que a professora Ana não havia passado. O prédio anexo era bem próximo e logo em seguida eu retornei. Fui levado por uma funcionária da secretaria para outro espaço onde estava acontecendo uma aula de música. A professora responsável por atender aquela turma estava com seus alunos que tocavam diversos instrumentos. Pude perceber sons de bateria, flautas doce, teclados e vários alunos afinando os violões. Não pude ver muito, foi só o tempo de abrir a porta e a funcionária da secretaria perguntar se ali se encontrava a professora Ana Francisca. Caminhamos então até uma sala de descanso para os professores onde havia matérias de trabalhos, pastas, computadores e mesas. Na sala ao lado haviam dois professores do projeto Amora. Eles me informaram que a professora poderia estar chegando na escola. Conversaram alguns instantes comigo, me recebendo muito bem.

A funcionária da secretaria, que me acompanhava, pediu para que eu aguardasse na sala dos professores de música. Entretanto, eu disse que preferiria sentar em frente à sala em que os alunos tocavam para ouvir esses sons. Ela ficou bastante surpresa.

Poucos instantes depois a professora Ana Francisca chegou me convidando para irmos até a sua sala, neste dia eu iria observar dois períodos de aula desta turma do projeto Amora. E logo depois seguimos em direção à sala de aula. Subimos a rampa até a sala, o professor de matemática estava saindo. Havia muitas contas no quadro. A professora Ana Francisca me explicou que iria dar aula somente para os meninos e que eles adoravam usar tecnologias e novos recursos. Enquanto isso as meninas iriam mudar de sala para ter uma aula “exclusiva” com outra professora sobre uma área diferente de conhecimento, que segundo o informado, seria um trabalho sobre nutrição.

Ao entrar na sala fiquei em pé, próximo ao quadro ao lado da professora. Os alunos estavam agitados e tinham dificuldade para se acalmarem. Eram dezenove alunos em sala de aula e mais um que chegou ao segundo período. Alguns conversavam, outros gritavam, caminhavam e reclamavam. Alguns estavam fora do espelho de classe (usado em algumas escolas para destinar qual local os alunos devem sentar), e se passou um bom tempo até que estivessem todos prontos para começar.

A professora iniciou a proposta perguntando se eles recordavam as funções da música⁴ que haviam sido estudadas em aulas anteriores. Timidamente, um menino do fundo respondeu citando uma das funções. A professora escreveu grande no quadro as principais funções da música para lembrar. Um pouco antes ela havia organizado grupos para a realização da tarefa: trios e quartetos. Um aluno bem no fundo da sala fez sinal para convidar os da frente. Outros alunos passeavam por toda sala à procura do “melhor” grupo para si. E assim, rapidamente, por amizades e afinidades os grupos foram criados. Havia também o grupo dos alunos “excluídos,” aqueles que não foram convidados por ninguém e nem se manifestaram, permanecendo nas classes. Acabaram por montar o trio dos que “sobraram”.

⁴ Segundo Alan Merriam, as funções da música seriam: expressão emocional; prazer estético; divertimento; comunicação; representação simbólica; reação física; impor normas sociais; das instituições sociais e dos rituais religiosos; estabilidade cultural; integração da sociedade (HUMMES, 2004, p. 18).

A professora passou a atividade dizendo que eles teriam que produzir um jingle de trinta segundos em grupo. Para tal tarefa, deveriam usar os computadores disponíveis para os alunos – UCAs. Conforme o interesse dos grupos, ela foi distribuindo as funções das músicas que seriam os temas das vinhetas. Cada grupo ficou encarregado de criar uma vinheta para uma função. Além disso, ela conversou rapidamente a respeito da vinheta, mas caberia aos alunos criar, gravar e fazer toda a construção do trabalho. Se tivessem dúvidas e precisassem de auxílio, a professora estaria à disposição.

Um grupo de alunos pediu à professora para sair da sala e ir para o corredor ou pátio para conseguir gravar. Eu pedi licença e a permissão da professora para acompanhá-los. Ela disse que não haveria problema e ficou na sala de aula com os demais alunos.

Eles saíram rapidamente e estavam no final do corredor, próximos à entrada de um dos banheiros, sentados no chão com três UCAs. Eles planejavam usar a música do grupo “Tribo do Funk – O Som do Céu⁵”. O ambiente em que estávamos era bem iluminado com grandes janelas por todos os lados. A ideia desses alunos era acessar um site servidor de vídeos com um dos computadores, reproduzir o vídeo e gravar seu áudio a partir do outro UCA. Um dos alunos estava reclamando bastante dos colegas, mas assim que o botão de gravar (REC) foi acionado, os três ficaram em silêncio absoluto. Esperei que os alunos terminassem a gravação. O sinal foi dado por um dos alunos que marcou os trinta segundos, mas o colega gravou toda a música até o final. Quando terminou eu perguntei por que eles não gravaram alguma fala ou sons externos que fossem executados por eles, mas os alunos responderam que iria ficar ruim. Dos três alunos apenas um se interessou: - Podíamos gravar uns efeitos/sons! Logo em seguida eles deram uma volta pelo corredor e retornaram para a sala de aula.

Como pude acompanhar o início do processo de criação desse grupo e perceber como eles estavam imaginando a utilização da gravação, fui até o próximo

⁵ A letra traz o termo “gospel funk”. A batida desta música é acompanhada por uma mensagem religiosa.

grupo, que havia se instalado na escada do andar abaixo. Eram três alunos que estavam trabalhando de forma bem diferente, e com uma empolgação bastante visível. Os três estavam sentados na escada, e o do meio conduzia os trabalhos do grupo. Quando cheguei eles estavam gravando uma fala: - Entretenimento, diversão...

O som da gravação ficou um pouco saturado e eu, que estava sentado no andar acima, sugeri que regravassem a fala baixando o volume do microfone. Os alunos disseram que já sabiam disso e regravaram falando com um pouco mais de distância entre eles e o computador. Em seguida perguntaram para mim se eu sabia onde eles mexiam para incluir uma música. Oralmente ensinei-os a abrirem um arquivo no formato mp3, que estava no pendrive de um dos alunos. O software Audacity⁶ estava configurado para o idioma espanhol. A música foi aberta seguindo os comandos básicos: ficheiro (arquivo) > abrir... O aluno que mexia no computador reclamou: - Tá professor, onde tá o som que gravamos?

Como aqueles três alunos estavam com dois computadores e um deles não estava sendo utilizado, pedi para que abrissem o Audacity e deixassem que eu visualizasse o programa por alguns minutos para poder ajudar. O aluno abriu o programa e apresentou um pouco de resistência para que eu pegasse o seu computador.

No instante seguinte eu já havia descoberto uma maneira de ajudá-los. Expliquei que a música em mp3 havia sido aberta em outra janela do programa e que eles poderiam selecionar um trecho para fazer parte da vinheta. Um dos alunos disse que já sabia manipular essa ferramenta. Cortou um minuto inicial da música e colou antes da fala gravada. Logo em seguida eles ouviram e ficaram satisfeitos com o primeiro resultado. Estava tudo bem, mas os outros dois colegas queriam colocar um trecho de uma outra música e a vinheta tinha o dobro do tempo pré-estabelecido. Conforme combinado com a professora, tínhamos que voltar para a sala de aula cerca de cinco minutos antes de acabar o período para guardar os computadores e conversar com ela a respeito de como estava o andamento do

⁶ Software de livre acesso que permite ao usuário utilizar ferramentas de gravação e edição de áudio.

trabalho.

Eu fiquei muito satisfeito, principalmente em relação a esse grupo. Já que dos dois grupos que tive a oportunidade de presenciar as criações e os trabalhos mais de perto, esse realmente mostrou uma maior criatividade, mesclando as palavras gravadas com áudio de uma música da vivência e do dia-a-dia dos alunos. Além disso, a empolgação dos alunos era bem visível e eles estavam realmente empenhados em desenvolver da melhor forma aquela tarefa. Todos do grupo opinavam e eu auxiliei-os conforme as suas necessidades. No final do período a professora veio me contar que os “guris” voltaram bem empolgados perguntando quando seria a continuação, a próxima aula.”

...

Diário de Campo, terça-feira, 2 de Outubro de 2012.

“A aula de música da Profa. Ana Francisca iniciou instantes após o intervalo, os alunos estavam bem agitados. A professora começou esta aula organizando a sala, levando a mesa dos professores para o canto e ligando uma grande caixa de som que seria utilizada posteriormente.

Em um primeiro instante, ela perguntou se eles lembravam da atividade que, em função do calendário, havia sido realizada há quinze dias atrás e iria ser completada hoje. No projeto Amora, os alunos nem sempre tinham dois períodos de aula de música por semana. Um aluno disse: - É aquele negócio com o Audacity? E outro, lá no fundo da sala, comentou: - Ah, não.

A professora perguntou o que mais os alunos recordavam: - Uma vinheta de trinta segundos! (disse um deles). Em instante os grupos se espalharam pela sala. No total são seis grupos. No relógio marcava aproximadamente 10h40 quando a professora combinou que às 11h30min iniciariam as apresentações.

Nos primeiros minutos de trabalho estava muito difícil de realizar qualquer tarefa pelo excesso de barulho e pelos baixos volumes dos UCAs. Um aluno me chamou (- Ô, Sor, vem cá!) enquanto a professora auxiliava os outros grupos. - Nos

ajuda a terminar a vinheta? *Respondi que seria difícil pelo barulho: - Vocês têm fone de ouvido? O aluno foi até a professora e em seguida retornou convidando-me para que acompanhasse o grupo até as escadas, no final do corredor, no mesmo lugar onde tinham iniciado a tarefa na aula anterior.*

Quando chegamos lá eles descobriram que não haviam salvo a música e teriam que começar tudo de novo. A ideia já estava toda elaborada, no entanto, teriam que refazer em pouco tempo. Logo foram abrindo o programa Audacity no computador UCA. Apenas um aluno estava portando o seu computador. A primeira coisa que fizeram foi regravar as falas. Os alunos faziam vozes um pouco diferentes que da gravação da aula anterior, optaram por timbres que lembravam a voz de locutores de rádios e programas esportivos, além disso foi possível notar ali que trabalhavam envolvendo o uso de dinâmicas: - Diversão! (falando rápido e forte), - Não, não... Entretenimento! (ralentando e fraco).

O segundo passo, seria escolher uma música para colocar um trecho e assim, completar a vinheta. O aluno que estava com o computador se mostrou pouco disposto a fazer isso e passou o UCA para um colega. Perguntei onde estava a música, a fim de agilizar aquele processo e posteriormente observar outros grupos. Eles não tinham música alguma e um deles foi buscar um pendrive na sala. Animado, voltou em seguida. Dentro das músicas disponíveis no pendrive, havia uma muito interessante que os alunos cantavam o tempo inteiro e que queriam me apresentar. Era "Gangnam Style" do rapper sul-coreano Psy, que se tornou febre mundial via youtube. Só fui tomar conhecimento desta canção após aquele momento de convivência com os alunos, pois até então desconhecia o cantor e sua coreografia.

Nesse instante, passou o guarda com a responsável pelo Serviço de Atendimento ao Estudante (SAE) da escola. Eles estavam circulando à procura de alunos que estivessem fora de aula ou sem um professor responsável. A senhora educadamente perguntou o que estávamos fazendo e eu respondi que estávamos ali porque precisávamos de um ambiente mais silencioso para poder gravar. Em virtude disso, estávamos naquele pequeno espaço da escada, no fim do corredor.

Ela disse que não havia problema algum desde que eu permanecesse com eles, sendo o “professor responsável”. Ela me tratou como se eu fosse um professor do Colégio de Aplicação, o que me deixou muito feliz.

Logo em seguida ela perguntou se os outros alunos, no pequeno pátio à frente, também estavam comigo e eu disse que também poderia me tornar responsável por eles naquele momento. O grupo que ela se referia seria o próximo que eu iria observar. A partir deste momento, dividi o resto do período entre os alunos da escada e os outros alunos, que se encontravam no pátio.

Meu primeiro passo, para me aproximar destes outros alunos, com os quais eu ainda não havia tido um maior contato, foi chegar e perguntar se já haviam conseguido criar a vinheta. Eles falaram que estava quase pronta e pedi para ouvir. A música escolhida havia sido “American Idiot” do grupo americano Blink 182, com uma linguagem juvenil, sendo voltada ao público adolescente. A proposta do grupo era gravar um trecho da música cantando em cima da faixa de áudio. Um dos alunos preparou o grupo: - Vamos cantar e depois quando eu contar até três cantamos de novo! Essa contagem era feita com os dedos, marcando os números de um a três. Eles começaram a cantar apenas a parte do refrão da música “American Idiot” e depois aguardavam em silêncio até o próximo refrão. Esse canto era feito em português: - Não quero ser mais um Americano Idiota.

Dessa forma, estavam traduzindo a letra da música da banda Blink 182. A expectativa dos alunos para aguardar o próximo refrão era muito grande, eles ficavam se olhando, me olhando, olhando tudo ao redor e esperando a próxima contagem. Até aquele momento eles haviam realizado gravações de testes e agora estavam fazendo uma versão definitiva. Foram duas, três tentativas, já estavam satisfeitos com o resultado, editaram cortando apenas um trecho da música e subiram para a sala pois já estava próximo do momento das apresentações.

No início das apresentações a professora colocou a ordem dos grupos no quadro de forma aleatória. Avisou que se algum grupo ainda não tivesse terminado a tarefa para aquela apresentação, teria uma nova oportunidade: poderiam entregar para ela via pendrive até a próxima aula. O trabalho não seria aceito depois pois

eles deveriam saber trabalhar dentro dos prazos.

O primeiro grupo a se apresentar era dos alunos com os quais tive maior contato, passando maior tempo auxiliando-os. Os alunos ainda demonstravam a mesma empolgação que antes, mas desta vez estavam tímidos, teriam que ser os primeiros, ir diante da turma e iniciar os trabalhos de apresentação. Nesse momento, sentei-me próximo deles e fiquei observando, atento, com intuito de passar tranquilidade aos alunos visivelmente nervosos. A professora desafiou os outros colegas que tentassem descobrir, qual a função havia sido trabalhada naquela vinheta. Os alunos do grupo ficaram apreensivos, pelo fato de falarem na gravação qual a “função da música” eles tinham escolhido. Ela acalmou o grupo dizendo que não havia problema algum.

Estavam todos muito agitados e na primeira tentativa de play as coisas não ocorreram como o planejado, os alunos haviam alterado a velocidade da faixa de áudio no software o que gerou um som estranho. Com a rotação mais lenta, as vozes deles ficaram muito graves. Quando a professora foi ajudar eles já estavam abrindo o controle para voltar à velocidade de rotação normal do programa. Apresentaram novamente, mas os outros alunos estavam agitados, conversando. Começaram de novo, já era a terceira tentativa. Visualmente era possível perceber que os alunos estavam se cansando por ainda não terem conseguido realizar a apresentação.

No início da vinheta, a voz dos alunos anunciava: - Diversão?! (aluno 1) - Não, Não... - Entretenimento!!! (alunos 2 e 3). Logo em seguida tocava cerca de quinze segundos da música “Check it out do” cantor Will.i.am⁷, com participação da cantora Nicki Minaj. O jingle era encerrado com todo o grupo cantando um trecho do refrão da canção “Gangnam style” (já citado). Esta parte final cantada havia ficado com a rotação alterada, mas por ser um pequeno trecho, causou menos estranhamento e deixou o jingle divertido e com contrastes. Todos bateram palma, a professora sorriu.

O próximo grupo (2) foi chamado: os alunos se posicionaram diante da turma para iniciar a apresentação. A professora lembrou o nome de todos os integrantes e em seguida permitiu que iniciassem. A música só tocou dez segundos e não

⁷ Cantor e produtor musical integrante do grupo Black Eyed Peas. Sua carreira solo conta com a participação de diversos artistas como Jennifer Lopez, Mick Jagger, Britney Spears.

chegou nem na parte que os alunos cantavam o refrão logo em seguida. Este grupo havia trabalhado com a música da banda Blink 182. Para os alunos foi frustrante, já que eles haviam se empenhado para realizar a tarefa. Eles tentaram de novo. E novamente. A professora se dispôs a ajudar, mas havia alguma falha técnica que poderia ser do computador UCA, ou na edição da vinheta e dificilmente seria consertada ali naquele instante. Diante dessa situação o grupo se sentou e foram chamados os próximos alunos...

O grupo 3 era menor, composto por apenas dois alunos. Um deles trouxe de casa seu netbook que possuía dimensões um pouco maiores que as do UCA. Lembro-me de ver o menino trabalhando com o mesmo netbook na aula anterior. Rapidamente os alunos conectaram o cabo de áudio no computador, aumentaram o volume e iniciaram: - Rei e Rainha do Colégio Aplicação. Venha se divertir! Essa fala havia sido gravada por um dos alunos com a música do cantor Latino – “Vem dançar Kuduro”, abertura da novela da Rede Globo “Avenida Brasil” de 2012 - ao fundo. Foi muito interessante ver como os alunos conseguiram um ótimo resultado e aproveitaram a introdução da música para ser usada como fundo musical para o anúncio da festa de rei e rainha da escola. Logo percebi que o tema que eles haviam escolhido era diversão também.

A professora chegou rapidamente até mim, que estava sentado próximo ao quadro, e comentou que os UCAs tinham uma série de problemas técnicos e que, por consequência disso, era bastante comum, durante as aulas e até mesmo nas apresentações, eles “bugarem”.

Em seguida ela pediu a atenção de todos para uma conversa. Iniciou relembando que os alunos tiveram duas aulas para fazer essa atividade de criação e gravação de jingles e propôs uma reflexão. Ela gostaria que os alunos apontassem e refletissem por quais motivos dos seis grupos apenas três haviam apresentado. Se foi por falta de interesse, falta de tempo, falta de um tutorial específico ou de uma aula sobre as ferramentas específicas do programa. Assim, democraticamente, convidou os alunos interessados que se “inscrevessem” para falar.

O primeiro aluno a se posicionar apontou que para o seu grupo o problema foi do UCA, que apresentou falhas técnicas impedindo a conclusão do trabalho, e assim a apresentação. Outro grupo se manifestou: - Hoje o problema foi do Uca.

Mas na aula passada o meu grupo disse que ia procurar uma música legal e entrou em outros sites. *Mais um aluno (que estava jogando enquanto a professora havia proposto a reflexão por parte do grupo, e só desligou o UCA após ter sido chamada a sua atenção duas vezes), explicou: - O problema é que quando íamos gravar, o pessoal do grupo ficava falando, fazendo barulho.*

A professora foi categórica e apontou a grande liberdade como um fator decisivo que alguns grupos não souberam aproveitar. Inclusive, quase houve a divisão de um dos grupos devido à bagunça. Um aluno que não havia falado anteriormente, disse também que havia trancado. Para solucionar o problema, a professora propôs então uma tarefa individual. Alguns alunos reclamaram. Em casa cada aluno deveria produzir uma vinheta de no máximo um minuto (anteriormente eram trinta segundos), em seus computadores pessoais.

Antes que a professora encerrasse a fala um aluno gritou lá do fundo: - Não tenho o software! No mesmo instante a professora respondeu que o programa poderia ser encontrado da internet livremente! A professora explicou que ia dar uma folha com as instruções e tutoriais básicos do Audacity e agendar, para aqueles que não tivessem computador, um novo horário para realizar a tarefa na escola, no turno inverso. Logo em seguida, alguns alunos vieram falar individualmente com a professora. Um deles informou que não tinha microfone. Eu sugeri, que aquele trabalho poderia ser feito com o aparelho celular. E o aluno ao lado, com a mesma dúvida, disse que gostaria de fazer com o celular.

A professora pediu, então, que os alunos organizassem as classes antes de sairmos e guardassem os UCAs nos armários. Cada computador possui uma prateleira própria para ser armazenado, com diversas régua e filtros de energia elétrica. Ali, os equipamentos ficam em processo de carregamento enquanto não estão sendo utilizados. Fiquei bastante surpreso com a infraestrutura e a organização deste material.

Era próximo do meio-dia e, enquanto os alunos se organizavam e esperavam o sinal para saírem, conversei com a professora que me explicou que eu poderia ir saindo enquanto não batia o sinal. Ela iria aguardar cerca de cinco minutos e liberaria os alunos. Combinamos que conforme a realização das atividades fosse feita posteriormente pelos alunos, a professora iria entrar em contato comigo.”

...

Essa experiência foi muito enriquecedora para mim, como observador, pois até então já havia tido a oportunidade de observar outras duas professoras que trabalhavam com educação musical em escolas públicas: estadual e municipal. Desta vez estava percebendo como as coisas ocorriam no âmbito de ensino Federal. A instituição Colégio Aplicação com toda as suas variedades de práticas, grupos de pesquisa, projetos, e riquíssima infra-estrutura é um ambiente exemplar. Tudo isso certamente propicia um ambiente sadio para um ensino mais qualificado e tecnológico.

Lembro-me que passei alguns dias refletindo sob a ótica da diferença de ambientes educacionais que já havia estado em contato. Sem a perspectiva de julgar qual seria o ambiente ideal de ensino, o CAp parece ser o ambiente onde os alunos têm maiores oportunidades e convivem com as mais variadas dinâmicas. Sobretudo, somente isto não basta. Logicamente que nem todos os alunos estavam satisfeitos, alguns não deram muita atenção para o trabalho.

No ambiente escolar é comum nos depararmos com diversos métodos de ensino por parte dos professores, desde os mais convencionais até aqueles que optam por incluir meios tecnológicos em seus materiais didáticos. Sendo assim, não são todos os professores que aderem ao uso dos ambientes informatizado das escolas, por exemplo. Aqueles educadores que fazem o seu uso encontram uma série de dificuldades como: computadores sucateados ou estragados, a sala muitas vezes não comporta um grande número de alunos, acesso à internet com dificuldade de navegação, acesso à internet com sites restritos – sites que serviriam aos propósitos das aulas de educação musical, como youtube, por motivos de segurança, são inacessíveis. Isso prejudica a aula de música que tem no youtube uma ferramenta grande de acervo musical que pode ser utilizado. Nesse quesito muitas vezes a escola não está totalmente preparada para a tecnologia. Para Lima,

por outro lado, nas escolas, os dispositivos tecnológicos digitais ainda estão em fase inicial de exploração pedagógica. Deparamos ainda com a ausência ou insuficiência de competências profissionais relacionadas ao uso das novas tecnológicas e até mesmo um certo “temor” por parte de educadores de explorarem novas possibilidades. (LIMA, 2008, p. 49).

O mesmo acontece com as salas de vídeo, que são uma verdadeira disputa entre educadores no ambiente de ensino. Muitos professores, principalmente nas escolas de Ensino Fundamental, optam por usar esse recurso quase que diariamente, restringindo o acesso aos demais colegas. Nessa perspectiva também podemos listar os aparelhos de som, que são materiais desejáveis para serem utilizados em uma aula de apreciação musical, por exemplo, e que sem ele, as aulas ficariam comprometida. Uma grande disputa, rivalidade e divergência de interesses faz do ambiente escolar algumas vezes, infelizmente, um verdadeiro campo de batalha entre os professores.

Esses fatores descritos acima muitas vezes desencorajam o educador à utilização destes recursos que são ofertados. Fato é que o ambiente mais propício dá a o educador novas oportunidades de experimentar, inovar, reavaliar suas perspectivas de ensino e atualizá-las. As ferramentas também qualificam o ambiente e quando bem destinadas fortalecem o ensino. O computador UCA se revelou, apesar dos inconvenientes, uma ferramenta fantástica, à medida que potencializa o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula sem, restringir o acesso à tecnologia ou a pesquisas no ambiente virtual a somente uma turma por vez.

Com o computador UCA, muitas outras atividades poderiam ser desenvolvidas relacionadas às aulas de música, inclusive com gravação e posteriormente edições de áudio. Muitas destas coisas já estão sendo realidades dos jovens, pois muitos deles não se contentam em tocar e querem gravar em casa. No ambiente sem este atrativo, as aulas se limitam à disponibilidade de horários, disponibilidade de números de computadores menor que o número de alunos, e uma série de fatores que dificultam, sem dúvida, experiências diferenciadas, mas estes empecilhos não limitam a criatividade e a vontade por novos fazeres musicais por parte dos alunos.

3. 2. *“Meu irmão vai se ligar é nessa rima...”*: aula de *jingles* no município de Alvorada

Atuando como professor de Música no município de Alvorada desde julho deste ano, havia trabalhando com apreciação e questões ligadas à história dos gêneros musicais como blues, samba e tango, destacando noções importantes relacionadas ao ambiente que fez com que esses gêneros musicais se destacassem

e florescessem, relacionando também os principais artistas de cada gênero, os instrumentos utilizados, escutando os sons desses instrumentos e obras de referência.

No dia em que me propus a iniciar o trabalho com *jingles*, peguei, em casa, embalagens de produtos com os quais seria possível trabalhar na confecção de jingles como: *waffer* Amanditas, bolacha Água e Sal, bolacha Trakinas, cola Super Bonder, sabonete Johnson Baby, goma de mascar Trident, fita veda rosca Tigre e outros produtos.

A dinâmica funcionou da seguinte maneira: pedi que os alunos se dividissem em grupos de até quatro integrantes. Como de costume, alguns optaram por trabalhar em dupla. Conforme eles se organizavam, os grupos já montados tinham preferência na escolha dos produtos. Nesse momento foi interessante observar como eles escolhiam os produtos: alguns grupos eram unânimes em escolher uma embalagem, outros ficavam divididos mas tinham de ter uma solução rápida e acabavam sendo convencidos por algum membro do grupo que apresentasse de forma mais convincente, as facilidades ou as dificuldades de se trabalhar com determinado tipo de produto para fazer uma propaganda em forma de *jingle*.

Dentro de uma grande sacola estavam as embalagens dos produtos sugeridos para serem trabalhados. No quadro fiz um pequeno roteiro para auxiliar nos trabalhos, mas os alunos foram informados que seria um trabalho bastante livre e que de acordo com suas necessidades e suas produções eu iria auxiliá-los.

Para ilustrar o trabalho utilizei uma embalagem de pipoca de microondas, e também uma caixinha de gelatina. Em quais situações poderíamos utilizar esses produtos? Quais as características (adjetivos) destes produtos? Em seguida fizemos uma pequena lista com opiniões dos alunos, gelatina: gostosa, saborosa, deliciosa, refrescante / pipoca: crocante, cheirosa, deliciosa.

Para os grupos que apresentavam maior dificuldade, propus que se dedicassem no primeiro momento a listar os lugares e situações, além das características dos produtos. E em seguida, as primeiras composições de *jingles* começaram a surgir.

Este trabalho foi realizado com quatro turmas de perfis distintos, e de uma forma ou de outra, as práticas que aconteceram nestas turmas foram compartilhadas. Esta troca de experiência aconteceu via alunos que conversavam nos corredores anunciando para a turma seguinte o que havíamos realizado, ou

algumas vezes, por mim, que usava o áudio de algum grupo para demonstrar nas outras turmas como o trabalho fora realizado, sempre ao final da atividade, visando não interferir na ideia inicial dos alunos e sugestioná-los.

Ao final de todas as gravações, propus para o grande grupo que escutassemos os resultados. Gritos de “sim” e “não” se misturavam com outras expressões e sinais de “positivo” e “negativo”. Alguns não queriam se ouvir, por vergonha, mas eram encorajados por sua curiosidade em ouvir o trabalho dos colegas. Como na maioria dos trabalhos em grupos uma apresentação serve para nos auto-avaliarmos, também para aprendermos com os colegas, para termos novas idéias e, por que não, para nos inspirarmos.

Em algumas turmas onde tivemos oportunidade, ouvimos também trabalhos de outras turmas. Era possível perceber os alunos tentando identificar quem cantava (- *Essa é minha irmã?!*), mas na maioria das vezes, não estavam totalmente convencidos.

Os resultados da escuta foram parte importante do processo que compreendia o ato de criar uma letra, ensaiar a música, gravá-la e ouvi-la. A maioria dos alunos ficou surpresa com suas vozes e todas as faixas foram tocadas mais de uma vez, a pedido das turmas. Isso demonstra o quanto estava sendo interessante aquele acontecimento à medida em que ouvir uma vez apenas não era suficiente.

Em todos os *jingles* há muito o que perceber: timbres, dinâmicas, letras, rimas, intensidades, se há ou não acompanhamento rítmico. Por dificuldades em se ter um espaço próprio para gravação, enquanto a turma trabalhava em sala de aula, os *jingles* foram gravados no corredor. Em alguns casos foi possível realizar a gravação na sala de vídeo. O trabalho só se deu por completo após o momento de apreciação em que todos os alunos envolvidos na atividade também estiveram presentes.

Essas criações, como já citado, acima foram inicialmente pensadas para serem trabalhadas e apresentadas ao vivo. Com a inclusão da gravação como sendo parte destes trabalhos, todas as turmas tiveram duas aulas de dois períodos cada. As gravações foram realizadas no segundo dia conforme os alunos de disponibilizavam para gravar. Grande parte do último período foi destinado a apreciação por parte dos alunos. Todas estas gravações foram realizadas com um

gravador digital ZOOM⁸ Q3.

A seguir foram escolhidos cinco *jingles* que serão apresentados e comentados. Estes jingles estão disponíveis para apreciação auditiva em: <https://soundcloud.com/rec-jingles-em-alvorada>.

Pipoca Yoki

Com a pipoca Yoki, sabor de manteiga (de cinema),
Tudo que é bom fica “mais bom”, o cinema é mais cinema,
O futebol é mais futebol,
A festa é mais festa,
Todo mundo fica bom!

A pipoca mais gostosa to falando é Yoki,
Sem neurose, sem neurose, sem neurose...

Yoki!

Neste *jingle*, o aluno esboçou individualmente, em texto, suas ideias sobre pipoca. Conversamos nos momentos iniciais e propus que listasse em que momentos gostariam de comer pipoca, ou até mesmo em quais deles seria interessante o uso da pipoca. Seu canto, que é uma fala ritmada como nos *Raps* e *Funks*, foi acompanhado por um colega que foi chamado para fazer as “batidas” (“tum, tchá, tchá, tum, tchá”).

Gravamos essa faixa na escada da escola, procurando um espaço com menos ruído possível. Enquanto o aluno *rapeava* sobre a letra da música, o outro aluno convidado fazia as batidas que, em determinado momento, se transformavam em outro instrumento, provavelmente de sopro. No meio da música a *batida* cessava para dar lugar ao “sopro” e depois voltava. Ao final acontece um grande improviso: o aluno compositor canta duas vezes “sem neurose” e é acompanhado pelo aluno que

⁸ Fabricante japonesa do segmento de áudio especializada em pedais processadores de efeitos e gravadores digitais portáteis.

anteriormente fazia batidas e por outros três que estavam de passagem e “entraram no clima”. Ao final da faixa é possível ouvir um coro de cinco alunos cantando “Sem neurose! Yoki!”.

O aluno que compôs esse *jingle*, desde o segundo trimestre de 2012 havia optado sempre por elaborar seus trabalhos individualmente. No primeiro episódio em que isso aconteceu, relutei. Lembro-me de sugerir que trabalhasse em grupos como os demais colegas. Entretanto o aluno justificou que sozinho fazia o trabalho com mais seriedade. Os resultados dos seus trabalhos foram excelentes, com uma qualidade ímpar, mesmo optando por trabalhar individualmente enquanto seus colegas o faziam em duplas ou trios.

No entanto, esse aluno era bastante resistente ao fazer as tarefas e um pouco desrespeitoso com colegas e professor, característica que mudou bastante após um episódio em sala de aula que sua mãe foi chamada na escola para tomar conhecimento. A partir dali ele se tornou o aluno mais centrado e mais dedicado da sua sala.

Às vezes é difícil para o professor, diante de uma grande turma de aproximadamente quarenta alunos com diferentes níveis de interesse, trabalhar com tranquilidade. Embora a grande maioria dos alunos goste de meios de comunicação, novas mídias, internet e aparatos tecnológicos, nem todos eles vêm na escola, uma aproximação com sua realidade, e esse afastamento, a meu ver, é um dos responsáveis pela falta de interesse destes jovens em estudar.

Diante disso, as dificuldades de trabalhar são intensificadas. Nesse momento, alunos como este que acabo de citar, são distintos dos demais no sentido de serem interessados, pedirem ajuda a todo instante, chamarem o professor, mostrarem o desenvolvimento dos seus trabalhos e, até mesmo, se tornarem um pouco impacientes esperando que seus colegas sejam atendidos para serem os próximos. Este é um grande desafio para um educador. Mesmo com pouca paciência para esperar, esse aluno elaborou ótimos trabalhos.

Dança da pipoca

Olha a pipoca bem quentinha,
Dança da pipoca bem docinha,

Pipoca com manteiga, e chocolate
Dá vontade de comer todo pacote.

Sai do micro bem quentinha,
Dá uma rodadinha, ai que delícia!

Agora desce, agora sobe,
Esse é o movimento enquanto ela explode (2x)

O *jingle* “Dança da Pipoca” foi criado por um grupo formado por quatro meninas, sendo duas delas as melhores alunas da turma em termos de avaliação, em todas as matérias, e as outras duas também, com alto desempenho escolar. Ao gravar, elas realizaram três *takes*: no primeiro, uma delas se enganou ao ler a letra; na segunda tentativa, houve um momento de risadas; na terceira vez, realizaram a versão que ficou “valendo”. Elas comentaram que estavam envergonhadas e gostaram muito de gravar. Pediram para ter uma quarta possibilidade, minha resposta contrária foi justificada pelo pouco tempo que tínhamos para gravar os demais colegas.

Ao analisar a gravação é possível perceber que temos três alunas cantando forte e uma quarta aluna, com voz mais grave, cantando com menor intensidade. Nesta gravação não há muita variação de dinâmica. Outros eventos são importantes de destacar, como a sincronia em que elas terminam uma palavra e começam a seguinte, apesar de não haver quaisquer acompanhamentos rítmicos. Aqui o tempo foi estabelecido por um movimento em que as quatro meninas executaram (dobrando os joelhos e movimentando os pés). Essa sincronia foi, também, fruto de bastante ensaio, já que a dedicação do grupo foi grande e aproveitaram os momentos disponíveis para estudar o que iriam registrar.

O texto do refrão (“agora desce, agora sobe. Esse é o movimento enquanto ela explode”) pode ser visto como uma possível referência das jovens com o mundo do “funk”. Este gênero é, sem dúvida, muito comum em meio aos jovens, e se caracteriza pela batida, estilo de letras, um canto muitas vezes falado e danças sensuais.

Neste gênero musical muitas das letras são explícitas e deixam muito claras questões ligadas à sexualidade, o que é ainda destacado pelas das danças sensuais. Esse tipo de “funk” é conhecido como “funk proibidão”. Surgido no início dos anos 1990, o termo “proibidão” faz referência a “proibido para menores de dezoito anos”. Inicialmente, continham letras relacionadas principalmente ao mundo do narcotráfico e disputas entre traficantes e milícias policiais. De lá pra cá, esses “funks” mudaram muito, de tal forma que na década seguinte essa denominação já era usada para classificar os “funks” com letras explícitas sobre sexualidade. De certa forma, o termo “proibidão” pode ser visto como uma forma de chamar atenção e se tornar mais um atrativo aos jovens.

Também existem aqueles “funks” em que a subjetividade da letra é maior, sem dúvida. Eles sugestionam uma série de situações, mas são menos explícitos e exigem do ouvinte uma leitura conotativa da letra, e um conhecimento prévio de alguns termos, deixando assim mais aberto a diferentes interpretações.

No *jingle* acima, não podemos explicitar com certeza a real intenção do grupo, mas poderíamos pensar em uma aproximação com estes “funks” que apresentam uma maior subjetividade na letra, uma vez que a referência ao movimento da pipoca poderia ser também uma referência ao movimento das danças de funk. Mas em momento algum há coisas explícitas e vulgaridade, itens que seriam indesejados para criações musicais no ambiente escolar.

Johnson Baby

Não olha pro lado quem tá passando é o Johnson,
Se ficar de caozada a esfregada come!

As mina aqui da área só usam Johnson Baby,
Elas ficam com a pele macia,
Elas ficam uma gatinha.

Falam mal do meu shampoo,
Mas não conhecem o meu sabonete,
Porque eu só uso Johnson Baby

Baby, “be”, Baby, eu só uso Johnson Baby
Baby, “be”, Baby, eu só uso Johnson Baby

A primeira estrofe desse *jingle* é cantada pelo aluno 1, com intensidade forte e alturas e ritmos bem definidos. O timbre parece combinar muito com o gênero escolhido pelo grupo para ser base de seu *jingle* (“funk”). A segunda parte é cantada pelo aluno 2, com seu timbre mais agudo oferecendo um ótimo contraste e textura a construção musical destes alunos. A terceira, é cantada pelo aluno 3.

Ao final cantam em uníssono o refrão. Parecem estar empolgados principalmente. Neste momento “de grupo”, em que todos cantam juntos, é possível ouvir as três vozes muito bem definidas.

A música deste grupo foi feita a partir da canção “Fala mal de mim⁹” da cantora carioca de funk MC Beyonce. Logo no início desta construção eles mostraram para mim um pequeno esboço da letra sem cantá-la. Em seguida tive a surpresa ao ouvi-los ensaiando, pois percebi que já havia escutado aquela melodia. No entanto, a criatividade dos alunos ao brincar com o “funk” falando do sabonete infantil foi tamanha, que achei que não deveria interferir, limitando ou modificando o trabalho.

Por ser baseado em uma música já conhecida do grande grupo, sugeri que ensaiassem em dobro para termos um bom resultado. Os alunos concordaram. Era possível perceber uma preocupação deles pela realização deste trabalho, e também um interesse pela oportunidade de realizar a gravação. O resultado foi um *jingle* criativo que teve um grande empenho por parte dos alunos.

Funk da Trakinas

Te liga aí, novinha,
Escute o que vou falar
A Trakinas é a moda
Que chegou pra abalar

⁹ “Não olha pro lado quem tá passando é o bonde, se ficar de caozada a porrada come!” Início da canção “Fala mal de mim”, da MC Beyonce.

A Trakinas é vitamina
E também é especial,
Nos chegamos na balada
Só pra pegar as meninas.

A Trakinas traz uma nova combinação
De cereais, ferro e cálcio,
Sem gordura, meu irmão
Meu irmão vai se ligar é nessa rima,
Nós chegando na balada, comendo uma Trakinas,
Trakinas, Trakinas...

Este *jingle* foi criado por dois alunos que apresentavam frequentemente uma grande resistência em escutar explicações, trazer o material para as aulas de música, ajudar os colegas e colaborar para o desenvolvimento das propostas de ensino-aprendizagem em sala de aula. Um deles ficou muito ansioso com a ideia desta aula. Veio correndo até mim para perguntar se seria possível fazer um funk carioca (- *Meu produto é Trakinas, vou mandar a minha rima, professor!*). Por opção, havia combinado que seria bastante livre, pois queria ver como os grupos funcionavam e se organizavam para realização da tarefa.

A letra revela uma linguagem comum ao funk e a muitos jovens da atualidade, iniciando com um breve aviso: - *Te liga aí, novinha, escute o que eu vou falar...* Além disso, o *jingle* mistura esses elementos com informações nutricionais do produto, que foram cuidadosamente percebidos pelos alunos e incluídas na letra do *jingle*. Alguns gritos ao fundo da gravação revelam as dificuldades de se gravar no ambiente escolar, sem sala específica. Um aluno foi convidado para realizar as batidas, mas como estava também realizando a tarefa de *jingles* com o seu grupo, não teve oportunidade de ensaiar muitas vezes com esta dupla.

O trabalho desta dupla chamou muito a atenção do grande grupo, pois um dos alunos se intitulava MC (Mestre de Cerimônias), mas poucos colegas tinham visto algumas rimas dele em apresentações pelo bairro. Durante a sessão de apreciação, seus colegas gritavam seus nomes, batiam palma, pedindo que a faixa

de áudio fosse repetida novamente para que eles percebessem todos os detalhes.

Assistindo à empolgação dos dois alunos, achei que seria interessante e didático que eles cantassem na frente da sala, próximo ao quadro, fazendo ao vivo, o que havia sido feito anteriormente, para a gravação. Logicamente não iria sair exatamente igual e essa diferença seria interessante do grupo perceber.

O aluno não estava com a letra na mão e como um verdadeiro MC começou a improvisar sua rima, sem deixar de lado o tema da bolacha Trakinas. Seu colega continuou, no que pareceu mais um duelo de MC's que, na verdade, estava sendo super saudável, considerando que os alunos não usavam palavrões e faziam improvisos relacionados ao tema.

O aluno, que já era conhecido, teve o reconhecimento maior por parte dos seus colegas e o outro havia feito também ótimas rimas. A parceria daqueles dois alunos tinha ficado muito boa. Ao final deste trabalho, o aluno MC e seu colega haviam tido a oportunidade de criar uma letra, ensaiar, gravar, ouvir e compartilhar com a sua turma.

Nas semanas seguintes o MC me procurou com a ideia de gravar um cd. Pedi então que ele me apresentasse propostas de letras com temas do cotidiano escolar, relacionadas ao ambiente de ensino ou às amizades que havia feito ou até mesmo sobre as matérias da escola. Como já estava acabando o ano concordamos em realizar o amadurecimento da ideia para possivelmente retomá-la depois das férias.

...

Essa experiência com a criação de *jingles* me proporcionou um trabalho diferenciado com os jovens alunos, que também comentavam com outros professores pela escola sobre a atividade que haviam realizado. Logo ao final deste trabalho, com duração de duas aulas de dois períodos (duas semanas), tinha certeza que havia sido uma experiência interessante e que tinha tido boa repercussão entre os estudantes. Fiquei satisfeito com os resultados e muitas das histórias surpreendentes por trás de cada grupo, letra, *jingle*, e processos de criação dos alunos. Acredito também que se a turma tivesse aulas de música há mais tempo, nesta instituição, um trabalho abordando conteúdos teóricos específicos, apoiado na prática da gravação seriam bem-vindo por todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, é possível que uma educação musical que abrangendo as novas tecnologias seja um dos caminhos para uma aproximação maior e para um crescente interesse dos alunos pelas aulas de música. A identificação de grande parte dos estudantes pela realização de uma tarefa diferenciada como a gravação pode ser evidenciada nesses relatos. A mudança de postura de alguns alunos que costumavam ter pouco envolvimento em sala de aula e acabaram por apresentar atitudes bem ativas e participantes diante do processo de criação e gravação deve proporcionar a nós, educadores musicais, uma profunda reflexão a respeito do que estamos realizando com estes jovens e de que forma estamos preparados para trocar experiências com os mesmos.

Os *jingles* gravados em Alvorada apresentam uma forte influência da mídia e referências de gêneros musicais como o *funk* e o *rap* nas composições dos alunos, assim como as vinhetas realizadas pelos alunos da professora Ana Francisca (CAp) que traziam suas experiências musicais externas para uma atividade prática de sala de aula. Isso ressalta ainda mais a participação importante trazida das experiências do cotidiano para dentro do ambiente escolar. Alguns educadores vêem isso como uma grande ameaça e julgam ser estes temas do dia-a-dia menos relevantes que os currículos específicos das áreas. Não estaríamos, ao perceber esses fatores externos, diante de uma alternativa mais prazerosa para os estudantes nas aulas de música?

Para alguns pesquisadores da área o cotidiano pode sim proporcionar experiências positivas e somatórias que contribuem para o ensino de música. Para Souza,

ao procurar reconstruir uma dada realidade, retomando experiências e vivências musicais concretas que são vividas pelos alunos fora do cotidiano escolar, o conteúdo da educação musical pode ser repensado e redimensionado. A possibilidade de inclusão de novos campos amplia-se, e a pedagogia crítica de conteúdos adotada substitui uma visão preconceituosa sobre meios de comunicação (SOUZA, 2000, p.163).

Fazendo parte do cotidiano, os dispositivos e meios eletrônicos podem também, segundo essa perspectiva, serem incorporados como parte deste ambiente

enriquecido e mais completo, que leve em conta o mundo externo ao escolar. Lima reflete sobre aceitação da tecnologia no contexto da escola:

Neste contexto, tratar a infinidade de dispositivos eletrônicos acessados e utilizados por nossos alunos, apenas como instrumento de dispersão – que devem ser excluídos do cotidiano escolar – seria simplesmente ignorar e dar as costas à própria realidade em que vivemos e na qual estamos incluídos, inclusive como usuário, pois todos estes novos mecanismos já fazem parte do cotidiano da sociedade e a escola esta incluída neste contexto (LIMA, 2008, p. 49).

Outro fator para refletirmos é a constante oferta de música por todos os lados, seja em *jingles* de publicidade, trilhas sonoras de cinema, estações de rádio, músicas no computador, no carro, concertos, shows, músicas no supermercado, e outros sons que costumamos perceber como “barulhos”. Evidentemente que nossos gostos e preferências musicais vão influenciar nas nossas tomadas de decisões a esse respeito. Da mesma forma, nossos alunos que na maioria dos casos convivem na sala de aula com uma realidade afastada das vivências cotidianas trazem à tona a vontade de firmar suas identidades, de compartilharem seus gostos musicais, de se expressarem tanto para seus colegas de classe quanto para seus professores.

Para Souza

a música na vida cotidiana faz-se cada vez mais presente, e sua massiva utilização na sociedade ocidental contemporânea indica o seu significado para o ser humano. A frequência da música no dia-a-dia leva-nos a afirmar quase não haver um espaço que esteja livre de música em suas diferentes formas (SOUZA, 2000, p. 174).

Com a velocidade que as informações são trocadas e se desenvolvem, existe também uma necessidade de engajamento dos educadores musicais, uma necessidade de estarmos sintonizados com as novas mídias e com o que está circulando nessas mídias. Logicamente não temos como conhecer tudo, mas se estivermos envolvidos nessa busca constante pelo “novo”, estaremos também, de alguma forma, incentivando nossos alunos a buscarem coisas novas e desconhecidas. Além disso, o fato deles perceberem que somos educadores engajados e ligados na cultura “jovem”, faz com que haja uma percepção importante por parte deles de que estamos interessados em estabelecer trocas de ambos os lados.

Assim, em se tratando de trabalhar com jovens, é comum que eles façam inúmeras perguntas sobre “o que o professor de música gosta?”. Nas minhas experiências como educador, nunca tentei legitimar alguma escolha musical de minha preferência justificando-a por uma razão ou outrem. Acabo sempre respondendo que gosto de vários estilos musicais. De fato, convivo com muitos estilos e, às vezes, sou desafiado pelos alunos que buscam perceber a que distância ando da realidade deles. Nas primeiras semanas na escola em que leciono fui surpreendido: – *Professor, tu conhece “Racionais”?* Rapidamente pensei como poderia responder àquela pergunta de maneira diferenciada, e então eu comecei a cantar versos de uma letra de *rap* do grupo paulista “Racionais Mcs”, que por acaso eu conhecia, os alunos ficaram surpresos.

Trabalhar nessa perspectiva [do cotidiano], tanto em pesquisa como em situações pedagógicas, significa não fazer juízo de valores apressado, negativo nem positivo; significa um exercício de vigilância, de lapidação, de abertura epistemológica para as grandes transformações, rupturas e redefinições que o real nos apresenta e desafia (SOUZA, 2000, p.177).

A partir de simples conversas como essa, percebo que nesses momentos acontece algo muito importante e com muito significado para os estudantes, existe a formação de um laço entre o grupo de alunos e os professores que poderá facilitar, posteriormente, a realização de outro tipo de atividades relacionadas à educação musical como, por exemplo, trabalhar com gêneros musicais que os alunos tenham pouca convivência ou outras atividades relacionadas à gravação.

Mas para isso não existe uma fórmula ou um livro com índice de passo a passo. O educador musical engajado, ao meu ver, deve fazer experiências, realizar novas propostas, criar novas maneiras de ensinar, desmistificando a crença de que o ensino de música deve ser de uma forma tradicional. Souza afirma que,

pensando na prática da Educação Musical, o diálogo com as teorias do Cotidiano abre para reflexões bastante enriquecedoras, à medida em que as ações didáticas propostas procuram reconstruir uma dada realidade, retratando as experiências e vivências musicais concretas dos alunos fora do cotidiano escolar. Aproximando a aula de música desse real, com referenciais teóricos sólidos, introduzem-se inúmeros desafios. Entre eles, a necessidade de compreender o papel da música para nossos alunos e de que forma podemos nos

aproximar e interagir com esse conhecimento (SOUZA, 2000, p. 175).

Não existe uma fórmula fechada ou pré-determinada. Vivemos numa sociedade contemporânea cercada de inventos novos que surgem todos os dias. As coisas que hoje são ditas como modernas no ano seguinte serão quase que ultrapassadas. Devemos encarar esse avanço da sociedade também na área da educação. Para Lima,

[...] a ampliação de espaços de atuação e de relação com essas novas concepções tecnológicas e de produção do conhecimento dentro dos tempos e espaços educacionais, só vem ao encontro das necessidades que a própria sociedade apresenta (LIMA, 2008, p. 49).

Lembro-me que durante o curso de Licenciatura em Música no Centro Universitario Metodista do Sul - IPA, durante a cadeira de Práticas Pedagógicas III tive oportunidade de, sob a regência da professora Nisiane Franklin, trabalhar com paisagem sonora (Schaffer). A partir de várias imagens distribuídas entre os grupos de colegas, fizemos o uso de um gravador com o intuito de “sonorizar” aquela imagem. Aqueles dois períodos de aula fantásticos, mesmo que breves, foram muito marcantes. O meu grupo havia pego uma gravura com um homem, passagens, café, em uma estação de trem.

Fizemos os sons: um colega fazia o homem que falava ao comprar o café, outro fazia o apito do trem que estava para partir, ruídos da estação foram feitos por mim e por outro colega. Havia muita dinâmica, os sons em movimento, um verdadeiro trabalho de criação em grupo.

Outro grupo, do qual me recordo, havia pego a imagem de uma praia. A partir daí formularam quais seriam os possíveis sons que ouviriam numa praia e gravaram. Na aula seguinte, o momento de apreciação e de ver os resultados do trabalho, lá estava a imagem projetada no telão: sons do mar, de cachorros, vendedores de sorvete, sucos, vendedores anunciando artigos de praia. Foi, realmente, uma experiência ímpar.

Se acreditarmos no uso das tecnologias, teremos possibilidades quase infinitas de se trabalhar. A partir de um artefato tecnológico relativamente simples como o gravador portátil, podemos abordar os mais variados elementos da educação musical, como timbres, propriedades do som, trabalhos de paisagem

sonora, sonorização de histórias, registro e apreciação musical, manipulação sonora, música eletrônica. A experiência de Schaffer mostra como uma aula pode ser criativa e cheia de descobertas para os jovens alunos:

Em primeiro lugar, alguém gravou um comprido “sh” muito perto do microfone, com a velocidade do atrapalho em seu ponto mais alto. Tocando-o de novo na velocidade mais baixa, descobrimos que havíamos produzido o som de uma enorme máquina a vapor. Então, gravamos alguém mordendo uma maçã na mesma alta velocidade e descobrimos que, em baixa velocidade, tínhamos obtido uma perfeita imitação de uma grande árvore caindo, numa floresta reverberante. (SCHAFFER, 1991, 175).

As experiências relatadas neste trabalho com o uso da gravação e tecnologias nas duas instituições de ensino pesquisadas mostram que os alunos, de uma forma geral, têm uma grande vontade e disposição para esse tipo de trabalho, uma posição mais engajada diante da possibilidade da realização de trabalhos diferenciados. Sobre o uso de tecnologias no ambiente escolar, Lima indica que

estamos diante de um quadro de grande potencial para a transformação de propostas pedagógicas, em sintonia com as necessidades de formação de indivíduos e de coletividades da sociedade contemporânea (LIMA, 2008, p. 61).

Ambas as experiências retratam também a opção em trabalhar de forma mais livre durante os processos de criação em grupo. Os alunos tinham liberdade para estabelecer de que forma criariam suas vinhetas, que músicas iriam utilizar, se iriam gravar partes faladas ou não, tendo apenas como exigência um tempo limitado de duração da faixa. Os alunos tinham liberdade de escolher o produto que usariam para criar o *jingle*, que gênero seria escolhido para esta criação, se iriam colocar acompanhamento rítmico ou não e como executariam suas gravações. Isso proporcionou aos alunos um maior poder de escolha e conseqüentemente a oportunidade de, através de suas vivências, terem material para suas criações.

Outro fator curioso é a opinião dos alunos sobre a realização desta atividade com gravação, por exemplo, como sendo “prazerosa”, “diferente” e “interessante”. Alguns alunos se propuseram a escrever algumas linhas dando opiniões sobre o processo de gravação:

- *Eu tenho gravador de voz no celular, mas nunca usei.*
- *Minha voz ficou estranha, mas gostei muito de ouvir meus colegas.*
- *Foi a nossa melhor aula.*
- *Eu já gravei minha voz, mas nunca tinha gravado uma música.*
- *Muito obrigado por nos proporcionar esta oportunidade!*
- *Eu não gostei de gravar, mas gostei de ouvir os colegas.*

Estes estudantes destacaram também que gostariam de gravar mais em sala de aula, não apenas nas aulas de música, mas também em outras matérias. Interessei-me pela ideia de futuramente realizar atividades interdisciplinares nesse sentido. A primeira professora que se mostrou interessada foi a de ciências propondo, para o ano letivo de 2013, uma atividade musical contemplando as duas matérias. Com a letra voltada para conteúdos de ciências e que eu pudesse trabalhar conteúdos da educação musical simultaneamente, na construção da música, melodia, acompanhamento, textura, dinâmicas, entre outros. Isso também facilitaria o trabalho dos alunos, que em determinadas épocas do ano, são sobrecarregados de atividades. Assim, uma atividade seria aproveitada por ambas as matérias.

As aulas de música, a meu ver, podem cada vez mais experimentar, estar em sintonia com as novas realidades, mundos virtuais, tecnologias, e serem capazes de integrá-los no ensino. Dessa forma, podemos propiciar experiências diferentes integrando, por exemplo, o uso do celular, novas mídias, computadores, internet nas salas de aula. O educador comprometido em trabalhar aspectos do cotidiano encontrará uma série de desafios e obstáculos que devem ser vistos como espaços para o crescimento e para novos aprendizados.

A iniciativa de trazer recursos tecnológicos para dentro do ambiente escolar hoje em dia, pode ser vista como uma ferramenta vital para a concretização da experiência de ensino-aprendizagem dos alunos. A maioria deles a todo instante se preocupa com o uso do celular, com o que circula pelas mídias, e com status atualizados constantemente nas redes virtuais por amigos e celebridades. Devemos aprender a perceber e aproveitar esses novos elementos que nos são apresentados nestas circunstâncias pois podemos estar deixando de enxergar as mais recentes necessidades dos alunos.

A facilidade de acesso à utilização das mídias tem gerado ilimitadas possibilidades de intercâmbios de contextos, referências estéticas, culturais, educacionais, profissionais e éticas. Ou seja: uma infinidade de informações sonoras instantâneas (LIMA, 2008, p. 54).

Acredito ser interessante que cada vez mais possamos contar com novas pesquisas que compartilhem experiências como estas, que sugiram um constante ato de reflexão por parte de nós, educadores musicais. Reflexões que discutam de que forma a gravação pode contribuir para um ambiente mais dinâmico e ao mesmo tempo mais participativo, em que o aluno não seja apenas ouvinte, mas também que tenha autoria e possa compartilhar de diferentes práticas e experiências em sala de aula para o ensino de música, resignificando valores e explorando cada vez mais os mundos tecnológicos.

REFERÊNCIAS:

DEL BEN, Luciana. Ouvir-ver música: novos modos de vivenciar e falar sobre música. In: SOUZA, Jusamara (org). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: PPG-Música/UFRGS, 2000.

FRITSCH, Eloy F. *et al.* Software musical e sugestões de aplicação em aulas de música. In: HENTSCHKE, Liane & DEL BEN, Luciana (Orgs). *Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 141 – 157.

GOHN, Daniel Marcondes. *Educação musical à distância: propostas para ensino e aprendizagem de percussão*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 2010. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação).

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOODALL, Howard; SOMMER, Paul (Producers). *Big bangs: Development of recorded sound*. London: Tiger Aspect Productions for NVC Arts & Channel Four, 1999. VHS, 60 min.

LORENZI, Graciano. *Compondo e gravando músicas com adolescentes: uma pesquisa-ação na escola pública*. Porto Alegre: PPG-Música/UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Musical).

LIMA, Maria Helena de. Música, mídia, novas tecnológicas e contexto escolar – novas perspectivas, modelos e significados em educação musical. *Cadernos do Aplicação*. Porto Alegre. Vol. 21, n.1 (jan./jun.2008), p.47-62.

MURRAY, Schaffer. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

PRASS, Luciana. *Etnopedagogias, hibridizações e etnicidade nas práticas musicais em terras quilombolas gaúchas*. Porto Alegre: PPG-Música/UFRGS, 2007. Projeto de Qualificação (Doutorado em Etnomusicologia). Digi.

SOUZA, Jusamara (org). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: PPG-Música/UFRGS, 2000.